



Deixa ela falar!

Contra os apagamentos do passado, as boas-vindas à Visibilidade na Gramática

As formas femininas de ser são cada vez melhor expressas quando as estruturas de representação contemplam as mundividências das mulheres, bem como de outros lugares de experiência insurgentes, numa sociedade que cada vez mais lança luz sobre as suas pluralidades. Nesse contexto, transformar as instituições é preciso e sempre será!

Você não se lembra, e eu também não. Cidadãs comuns que somos, envolvidas em nossas vidas diárias e na dura sobrevivência em meio a culturas que reproduzem diariamente, e às vezes em detalhes quase imperceptíveis, o sinal de menos que acompanha o lugar da mulher em um mundo tão definido pelo patriarcado. Precisamos de historiadoras, antropólogas e demais investigadoras de tempos muito antigos, do alvorecer das civilizações humanas, para lembrarem-nos do real motivo pelo qual estabelecemos instituições, dogmas, paradigmas em comum: uma lei comum, uma cultura comum, uma língua comum...

As criaturas humanas reconhecem, desde as suas primeiras caçadas como seres nômades no continente africano, o valor da comunidade como fator que eleva sua proteção e capacidade de gerar recursos para a sobrevivência. Éramos seres temerosos das intempéries da Natureza, sujeitos à constante imprevisibilidade dela. Essa Natureza, que em uma estação era a abundante Mãe da Vida, em outra apresentava-se mortalmente escassa, invernal. Sem avisos. Desenvolvemos a partir dali um profundo medo do desconhecido, do imprevisível, das transformações, uma vez que elas ativam esse medo ancestral do aniquilamento, da dor, do fim.

Além do medo da mudança, vem dessa nossa memória perdida nas areias do tempo também a solução temporária que encontramos, para que fosse possível viver como humanos frente à angústia da colossal Natureza, em sua impermanência impossível de ser dominada. Ali, com as primeiras tendas e agricultura e rituais e dialetos, nasciam as primeiras instituições humanas, monumentos físicos e psíquicos cujo principal objetivo é oferecer ao ser humano o consolo de alguma permanência, ilusórias seguranças e estabilidades, cujo objetivo é controlar a indomável natureza transitória da realidade.

A humanidade multiplicou-se, então, a partir de seus ícones de resistência frente à passagem do tempo e às transformações no espaço. A língua oral, e posteriormente a escrita, constituiu-se ao longo do tempo como uma ferramenta especial de perpetuação das visões de mundo expressas pelas sucessivas culturas humanas, tendo a gramática o papel de manter a viabilidade das nossas comunicações ao manter um código comum intacto, pretensamente imperecível: instituição imaterial que congela em si não só um código, mas também os valores compartilhados pelos seres que a codificaram, suas visões de mundo e marcas de organização social. Como poderia ser diferente?

Contudo, o medo da mudança não a impede de acontecer, por mais sólidas que pareçam as represas institucionais que dão aparência de água parada ao fluxo perene e mutável da realidade em que vivemos. Os indícios estão em tudo: nas rugas da pele; no edifício novo que começa a tornar-se ruína logo após a inauguração; no celular de ontem que hoje já é obsoleto; na forma como cada novo aprendizado relativiza e questiona a natureza de todo o conhecimento prévio; nas novas perguntas que surgem e pedem inéditas respostas; nos contextos sempre cambiantes de pactos sociais de gênero e normatividades. Quero dizer que nossas instituições e dogmas, entre elas a Gramática, são arranjos humanos fundamentais para que tenhamos um pouco de descanso e sensação de segurança, para que possamos fundar cidades e negociar nossa convivência em sociedade. Mas apenas isso. Repito: apenas isso.

Instituições humanas não são, e nunca serão, tão perenes quanto a Natureza em todo o seu dinamismo. Na soberania indomável de seus ciclos de morte e renascimento, de inverno a verão, há inclusive quem a chame de Mãe Natureza. As instituições humanas que adaptem-se às mudanças, ou aceitem seus lugares entre as ruínas que se perdem no tempo: basta comparar um edifício do século passado que frequentemente passe por reformas e adaptações a um outro, que permaneceu orgulhoso de sua tradição e fidelidade caquética ao que lhe era original.

Um manifesto pela Visibilidade na Gramática é, antes de mais nada, um manifesto pela necessidade de voltarmos a honrar a imprevisibilidade e renovação constante que brota da Mãe Natureza, e da nossa natureza de seres humanos tão diversos. O grande Pai chamado Civilização quer nos manter alheias à consciência de que tudo muda; à consciência de que todas as instituições precisarão ser frequentemente restauradas, transformadas, revistas, talvez destruídas, para dar lugar a novas e melhor adequadas aos dias de hoje, às pessoas de hoje. Esse Pai, que criamos para que ele nos protegesse do caos da realidade, cobra diariamente seu quinhão, ao arrumar a sala de estar da civilização escondendo no sótão tudo o que esteja fora de seu padrão patriarcal: vozes femininas, vozes negras, vozes transsexuais, vozes indígenas, vozes múltiplas.

Não queremos muito, ao mesmo tempo em que queremos tudo: um fluxo renovado nas narrativas das experiências individuais e coletivas da humanidade, que se expresse não só através das nossas palavras, mas transformando a própria natureza dessas palavras. Queremos que o respeito e a empatia pelos lugares de fala que inserem a sua diferença nas narrativas - e na forma de narrar - vençam o medo da mudança e da perda de privilégios característico daqueles que se apegam à tradição. Queremos que o casamento sagrado da Mãe Natureza da mudança com o Pai perene da Civilização, dentro de cada um de nós, permita o nascimento de instituições mais flexíveis, que guardem junto às suas regras e supostas certezas a receptividade à escuta e à renovação das suas estruturas, em nome da equidade, da Justiça.

Mulheres do mundo: a expansão da nossa Visibilidade é medida pelo efeito transformador que conseguimos operar nas visões instituídas da realidade, dentro e fora de nós, que se apresentam tantas vezes abusivas e impenetráveis para nós. Sigamos questionando o poder arbitrariamente conferido - porque conferido com base em silenciamentos e exclusões - a cada uma dessas instituições que mantêm tradições que nos excluem dos lugares de fala e, assim, de poder. Questionemos, inclusive e especialmente, a própria ferramenta que utilizamos para tais questionamentos, a língua e sua instituição, a Gramática.

Sabemos que muitos dos atavismos que sustentam as narrativas mais retrógradas ainda presentes na opinião pública a respeito da ideologia de gênero são naturalizados na Gramática. Essa profunda inadequação do código linguístico às necessidades dos nossos cenários atuais não está restrita às línguas românicas ou neolatinas, marcadamente caracterizadas pelas distinções gráficas de gênero, com primazia do gênero masculino. A inadequação que privilegia o gênero masculino, ou que tenta determinar os lugares ocupáveis por homens e mulheres nas sociedades está em todas as Gramáticas de todos os idiomas que têm origem em civilizações patriarcais, de forma mais ou menos evidente, produtos da cultura que são.

Questionemos, e busquemos novos caminhos: em português, talvez não faça mais sentido a regra da predominância dos adjetivos masculinos, quando o sujeito das frases enumera elementos femininos e masculinos juntos. Talvez o *policeman* da língua inglesa possa ser substituído por *policeofficer*, e mais, muito mais. Tudo para que uma menina cuja língua materna é o inglês não tenda a fechar as portas de certas carreiras para si, desde o início da sua alfabetização. Para que meninas brasileiras não assumam sem questionar, desde muito novas, a primazia do homem sobre a mulher, do masculino sobre o feminino, quando aprendemos que João, Mercedes e Maria são bonitos, não importando quantas mulheres sejam enfileiradas do lado direito de Maria.

Na seara linguística, como em todos os campos de atuação humana, urge a necessidade de revisitar regras e conceitos que, apesar de permanecerem de pé, já estão em ruínas por não representarem as demandas contemporâneas. Não podemos abrir mão de lutar no território da língua, para que ela seja cada vez mais nossa aliada nas demandas feministas em outros vários territórios da cultura. É a língua e sua Gramática o veículo que nos permite transitar por outras mundividências, realizar debates, negociar pontos de vista e para, enfim, multiplicarmos a expressão de espaços de pertencimento outrora silenciados. É sempre hora da mudança.

Elisa Maria Tabora da Silva

Mestra em Literaturas de Língua Portuguesa na
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Manifesto para a Editora Visibilidade Feminina, pela expansão da presença da cosmovisão feminina em todos os âmbitos institucionais, sobretudo na estrutura gramatical dos idiomas originários de civilizações rasuradas pelo patriarcado.



Site: www.visibilidadefeminina.org
Facebook: [/VisibilidadeFeminina](https://www.facebook.com/VisibilidadeFeminina)
Instagram: [@visibilidade_feminina](https://www.instagram.com/visibilidade_feminina)
E-mail: visibilidadefeminina@gmail.com